

Educação e Qualidade de Vida do Idoso: uma Ação de Extensão no Centro de Convivência do Idoso

Maria Elisa Carvalho Bartholo

USS/CELCSAH, Professora, Curso Pedagogia
elisacbar@yahoo.com.br

Fátima Niemeyer da Rocha

USS/CELCSAH, Professora, Curso Psicologia
fatimaniemeyer@uol.com.br

Bárbara Dana Lima

USS/CELCSAH, Aluna, Curso Psicologia
barbaradanalima@gmail.com

Luara de Freitas Pacheco

USS/CECS, Aluna, Curso Fisioterapia,
pachecoluara@gmail.com

***Resumo:** O artigo tem o objetivo de relatar a Ação de Extensão Comunitária desenvolvida no Centro de Convivência do Idoso do município de Vassouras - RJ, vinculada ao projeto de pesquisa “Educação e Qualidade de Vida na Velhice – a Responsabilidade Social da USS”. Com um debate sobre a relação entre educação e qualidade de vida, a ação foi realizada com a intenção de sondar a opinião e o interesse da população idosa do município de Vassouras em relação à educação na terceira idade. O levantamento de sugestão de cursos a ser oferecidos aos idosos para o atendimento à necessidade contínua de aquisição de conhecimento, demonstrou o interesse do grupo em fazer da educação uma fonte de prazer e de qualidade de vida.*

***Palavras-chave:** Educação. Qualidade de vida, Extensão. Centro de Convivência do Idoso.*

Education and Quality of Life of Elderly: an Action Extension in Elderly Daycare Center

***Abstract:** The article is intended to report the Action Community Extension developed in the Elderly Daycare Center in Vassouras, RJ, linked to the research project “Education and Quality of Life in Old Age – Social Responsibility of USS”. With a debate on the relationship between education and quality of life, the action was performed in order to search about the opinion and interests of the elderly population from Vassouras with regard to education in the third*

age. The survey, based on suggestions for the opening of new courses for the elderly's continuing need of knowledge acquisition, was designed in accordance with the Group's interest in turning education into a source of enjoyment and a means to better their quality of life.

Keywords: *Education. Quality of life. Extension. Elderly. Daycare center.*

Introdução

A expectativa de vida da população em todo o mundo vem aumentando significativamente nas últimas décadas. A Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica como idosas as pessoas com mais de 65 anos de idade em países desenvolvidos e com mais de 60 em países em desenvolvimento, e projeta que em 2025 existirão 1,2 bilhão de pessoas com mais de 60 anos, dos quais os muito idosos – com 80 ou mais anos – se distinguem como o grupo etário de maior crescimento (OMS, 2001). De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010 a expectativa de vida do brasileiro, ao nascer, alcançou 73,5 anos, sendo 69,73 anos para os homens e 77,32 para as mulheres. “O alargamento do topo da pirâmide etária pode ser observado pelo crescimento da participação relativa da população com 65 anos ou mais, que era de 4,8% em 1991, passando a 5,9% em 2000 e chegando a 7,4% em 2010” (IBGE, 2011). Nos últimos 60 anos a quantidade de idosos vem aumentando em relação ao total da população brasileira – de 4,9% da população em 1950 passou para 10,2% em 2010. “Nos próximos 40 anos, esse grupo crescerá a uma taxa de 3,2% ao ano, comparada a 0,3% da população total. Como resultado, haverá 64 milhões de idosos em 2050, 29,7% da população total” (Banco Mundial, 2011, p.18). O crescimento relativamente acelerado do número de idosos aponta para a necessidade de mudanças nas estruturas familiares e sociais, pois o idoso precisa construir uma nova identidade social, manter sua autonomia e exercer sua cidadania de tal forma, que suas necessidades sejam refletidas em todos os segmentos (Braga, 2004).

No Brasil, o Estatuto do Idoso (Lei 10.741/2003), destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, estabelece, no seu Artigo 2.º, que o idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, assegurando-lhe todas as oportunidades e facilidades para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. E nos seus Artigos 3.º, 20 e 21, determina ser obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso a efetivação, entre outros aspectos, do direito à educação e à cultura, respeitando sua peculiar condição de idade, através da criação de oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados (Brasil, 2003).

Identificada como uma das instâncias da sociedade capaz de atender às necessidades educacionais do idoso, a universidade, hoje, apresenta tanto a estrutura como os equipamentos necessários à implantação de micro universidades temáticas, onde o idoso possa receber assistência e participar de atividades culturais e de lazer. Compreendido como uma “nova forma de promover a saúde da pessoa que envelhece, a partir de uma ação interdisciplinar comprometida com a inserção do idoso como cidadão ativo na

sociedade” (Veras e Caldas, 2004, p. 423), o movimento das Universidades da Terceira Idade, que teve início na década de 1970, vem crescendo em várias partes do mundo. Com o objetivo de contribuir para a promoção da saúde física, mental e social das pessoas idosas, seus pressupostos básicos são a interdisciplinaridade, a participação social e a promoção da saúde (Veras e Caldas, 2004), com a utilização de uma metodologia adaptada às especificidades desta clientela e com a elaboração de um programa amplo de atenção integral ao idoso.

Atualmente, no Brasil existem programas dessa natureza em universidades tanto públicas quanto privadas que implementam ações com vistas à inserção e à ampliação da participação social e da melhoria das condições de saúde e qualidade de vida dos idosos, em termos individuais e sociais. Assim, a educação do idoso não só representa uma possibilidade de a universidade efetivar sua responsabilidade social, como reforça seu compromisso ético com o desenvolvimento humano, contribuindo, ainda, para uma mudança significativa no autoconceito dos idosos que participam desses programas. De acordo com Lima (2001), as novas contribuições da neurociência sobre a plasticidade cerebral e suas implicações no processo de envelhecimento e na regeneração cerebral apontam para a possibilidade de transformação do idoso por meio da educação permanente. Uma educação libertadora proporciona ao idoso o acesso ao saber e a ser cidadão para uma velhice consciente e com qualidade de vida.

Nessa perspectiva, o presente artigo tem por objetivo relatar a Ação de Extensão Comunitária desenvolvida no Centro de Convivência do Idoso do município de Vassouras – RJ, por professoras e alunos que compõem o grupo de pesquisa “Educação, Saúde e Qualidade de Vida”. A ação extensionista, vinculada ao projeto de pesquisa “Educação e Qualidade de Vida na Velhice – a Responsabilidade Social da USS”, desenvolvida pelo grupo, foi realizada com a intenção de sondar a opinião e o interesse da população idosa do município de Vassouras em relação à educação na terceira idade, e envolveu um debate/palestra sobre *Educação e qualidade de vida* com os idosos que frequentam no Centro de Convivência.

Aspectos Teóricos sobre o Envelhecimento

Entre as teorias que procuram explicar o ciclo de vida e a adaptação do ser humano ao processo de envelhecimento encontramos: Teoria da desvinculação – durante o processo de envelhecimento a pessoa experimenta uma separação gradual da sociedade, um decréscimo na interação com seu ambiente, o que se acentua com a modernização da sociedade; Teoria da atividade – todos os seres humanos desenvolvem seus valores, significados e modos de atuação a partir de um processo de comunicação social; quanto maior for o número de atividades que o idoso realize, maiores as possibilidades de se sentir satisfeito com a vida; Teoria da continuidade – a diminuição na realização das diferentes atividades do idoso pode ser explicada em função da saúde empobrecida ou de incapacidade adquirida; a pessoa tenderá mais a continuar do que a mudar, sempre que as demais condições permaneçam estáveis; Teoria da subcultura – as pessoas idosas formam uma subcultura própria que se modela na organização de importantes grupos de pressão; Perspectiva do ciclo de vida – o envelhecimento é um processo de evolução que se inicia com o próprio nascimento e cuja experiência varia em função

de fatores históricos; Teoria da modernização – as mudanças no *status* da pessoa idosa se dão a partir das modificações ocorridas nos sistemas sociais, em função do grau de industrialização que alcançam as diferentes sociedades, onde o nível do *status* do idoso é inversamente proporcional ao grau de industrialização (Fernandez-Ballesteros *apud* Dias, 2005). Teoria dos grupos de interesse – as políticas públicas ajudaram a criar grupos de interesse baseados na idade, os quais pressionam as pessoas que tomam decisões políticas a darem respostas às suas necessidades; Teoria dos papéis – a perda de papéis funcionais decorrente do envelhecimento é algo inevitável e concomitante da modernização; Teoria do desenvolvimento – o desenvolvimento é um processo que se dá ao longo de todo o ciclo de vida, é qualitativo, irreversível e universal, em que ocorrem processos de continuidade/descontinuidade, é multidirecional, está sujeito a equilíbrios entre ganhos e perdas, sendo contingente às condições culturais, históricas, ambientais e ao ritmo das mudanças; Teoria econômica e da escolha racional – o envelhecimento também deriva do comportamento individual, os indivíduos tendem a maximizar as recompensas em detrimento dos custos e interagem também com a finalidade de obterem benefícios máximos para todos; Teoria da troca – os idosos possuem poucos recursos e, em decorrência, dificilmente podem contribuir para as trocas intergeracionais (Marshall *apud* Dias, 2005) Souza, Galante e Figueiredo (2003) argumentam que, para as teorias do envelhecimento bem sucedido, o indivíduo é proativo, regula sua qualidade de vida mediante a definição de objetivos e luta para alcançá-los, acumulando recursos úteis na adaptação à mudança, e está ativamente envolvido na manutenção do seu bem-estar.

Alguns teóricos associam a qualidade de vida na velhice a fatores relacionados com o problema da dependência e a capacidade de autonomia do idoso, em que as dependências podem resultar tanto de alterações biológicas como de mudanças nas exigências sociais. Baltes e Silvenberg (1995) se referem às dependências: estruturada (o valor do ser humano é determinado pela participação no processo produtivo), física (incapacidade funcional individual para realizar atividades de vida diária) e comportamental (socialmente induzida, independentemente do nível de competência do idoso). Na perspectiva da construção social da velhice no Brasil, Debert (2004) mostra que o idoso está se inserindo no conjunto de discursos produzidos, tanto no âmbito das políticas públicas quanto nas interpelações dos políticos em momentos eleitorais e na definição de novos mercados de consumo e novas formas de lazer.

Em relação a questões sociais, culturais e psicológicas do processo de envelhecimento, Côrte, Mercadante e Arcuri (2005) argumentam que em nossa cultura não existe uma ideia clara do ciclo da vida e a pessoa, depois de aposentada, em geral, não sabe o que fazer com os anos de existência que ainda lhe restam – não somos orientados sobre essa etapa da vida. Brandão (Côrte, Mercadante e Arcuri, 2005), ao refletir sobre a memória afetiva ou cultural, a dinâmica das memórias sócio-afetivas, aponta para as possibilidades de se rever e ressignificar os acontecimentos do passado, com novas abordagens para uma revisão dos projetos de vida e trabalho. E, segundo Diogo, Néri e Cachioni (2004), mesmo que o envelhecimento leve ao aumento da probabilidade de incidência de doenças, de declínio da funcionalidade e de afastamento social, o bem-estar físico e psicológico e a continuidade das capacidades características da vida adulta podem estar presentes na velhice. Chamam a atenção para a necessidade de se abandonar as ideias de velhice apenas como problema médico-social dos idosos simplesmente como indivíduos a serem tutelados e do envelhecimento como processo a ser mascarado.

O Estudo da Qualidade de Vida

Diante da necessidade de unificar critérios e posições, devido à grande diversidade de abordagens e concepções utilizadas nos estudos da qualidade de vida, em 1994, o Grupo de Qualidade de Vida – *The WHOQOL Group* –, da divisão de Saúde Mental da OMS, propôs uma definição de consenso de qualidade de vida: “a percepção pessoal de um indivíduo de sua situação na vida, no contexto da cultura e sistema de valores nos quais vive, e em relação aos seus objetivos, expectativas, valores e interesses” (Bobes, Cervera e Seva, 1995; Vázquez-Varquero *et al* 1998; Lucas, 1998; WHOQOL, 1998), abrangendo seis domínios principais: saúde física, estado psicológico, níveis de independência, relacionamento social, características ambientais e padrão espiritual (Dantas, Sawada e Malerbo, 2003).

Ao longo dos anos, os estudos de qualidade de vida têm focado, principalmente, problemas relativos ao modo como a população percebe a qualidade de sua vida, como a define, quais são as opiniões e os critérios que se relacionam com o tema e como percebe a qualidade de vida em áreas com condições de vida diferentes, destacando-se alguns elementos comuns como o lazer, a saúde, a economia, o vínculo funcional, as redes de apoio familiar e/ou social, a autoestima e o otimismo (Xaviera, Ferraz e Marc, 2003). A qualidade de vida é um conceito subjetivo, relacionado com a percepção que o indivíduo tem acerca da própria vida (Bosq, 2001) e tem sido avaliada em termos de bem-estar, satisfação, alegrias, expectativas e felicidade percebida, sendo aferida a partir da percepção do nível de atendimento das suas necessidades, as oportunidades de alcançar felicidade e autorrealização, a independência de seu estado de saúde físico e as suas condições sociais e econômicas (Pereira *et al*, 2006).

Como indicadores de qualidade de vida encontramos em Forattini (1991 *apud* Qualidade de vida, 2002) os fatores: ambientais (qualidade da água, do ar e do solo, domesticação e domiciliação, accidentalidade); habitacionais (disponibilidade espacial e condições de habitação); urbanos (concentração populacional, comunicação, transporte, segurança, poluição); sanitários (assistência médica, morbidade, mortalidade); sociais (sistemas de classes, nível socioeconômico, consumo, necessidades, sexualidade, condições de trabalho, lazer, sistema político-administrativo) e em Hornquist (Forattini, 1991 *apud* Qualidade de vida, 2002) os aspectos: orgânicos (saúde e estado funcional); psicológicos (identidade, autoestima, aprendizado); sociais (relacionamento, privacidade, sexualidade); comportamentais (hábitos, vida profissional, lazer); materiais (economia privada, renda, habitação); estruturais (posição social, significado da própria vida). Estudos desenvolvidos com grupos de idosos têm destacado a rede de apoio, a saúde e o lazer como elementos importantes na determinação de sua qualidade de vida, ao lado de categorias como atividade, renda, vida social e relação com a família (Xaviera, Ferraz e Marc, 2003) assim como a aceitação de suas limitações.

Dessa forma, o significado que se atribui à qualidade de vida reflete os conhecimentos, as experiências e os valores de indivíduos e coletividades e expressam o momento histórico em que estão vivendo, sua classe social e sua cultura. Atualmente, entende-se que a qualidade de vida está relacionada a uma série de fatores que incluem a aquisição de bens materiais e seu impacto na vida das pessoas, o bem-estar em geral, o acesso aos cuidados com a saúde, a diminuição da mortalidade e o aumento da expectativa de vida (Qualidade

de vida, 2002). É uma das maneiras de se avaliar a qualidade de vida de uma população é por meio da observação de como a necessidade da educação permanente do idoso tem sido atendida. O fato de estarmos vivendo na era da informação aponta para a importância do desenvolvimento de ações socialmente responsáveis que criem oportunidades de educação continuada para o idoso, no sentido de promover sua cidadania.

A Educação do Idoso

Tendo surgido na França no final da década de 1960, atualmente, as Universidades da Terceira Idade buscam promover a saúde e a qualidade de vida do idoso, contribuindo para a elevação dos seus níveis de saúde física, mental e social, pela utilização da estrutura e dos recursos existentes nas próprias universidades (Veras e Caldas, 2004). Em geral, as Universidades da Terceira Idade elaboram programas baseados na participação, na autonomia e na integração do idoso com a possibilidade de os idosos participarem das pesquisas universitárias, que podem ser feitas para os idosos, com os idosos e pelos idosos (Peixoto, 1997 *apud* Veras e Caldas, 2004).

No Brasil, as Universidades da Terceira Idade foram criadas a partir da década de 1980, no âmbito das próprias universidades, têm se multiplicado e desenvolvem programas voltados para a população idosa. Embora imbuídas de propósitos comuns, como rever estereótipos e preconceitos com relação à velhice, promover autoestima e resgatar a cidadania, incentivar a autonomia, a independência, a autoexpressão e a reinserção social em busca de uma velhice bem-sucedida, se diferenciam quanto às denominações e aos mais modelos que adotam (Lima, 1999; Palma, 2000; Martins de Sá, 1999 *apud* Veras e Caldas, 2004).

A Ação de Extensão no Centro de Convivência do Idoso

Com o objetivo de sondar a opinião e o interesse da população idosa do município de Vassouras em relação à educação na terceira idade, a Ação de Extensão Comunitária envolveu um debate/palestra sobre *Educação e qualidade de vida* com os idosos que frequentam o Centro de Convivência do Idoso do município de Vassouras – RJ, situado na Avenida Paulo Torres, sob a responsabilidade da assistente social Ormezinda. Participaram da ação 24 (vinte e quatro) idosos – sendo 23 do sexo feminino e 1 do sexo do masculino –, cadastrados no Centro de Ação Social. No contexto do Programa de Extensão: Atenção ao Idoso, a ação extensionista abrangeu uma reflexão a respeito das diferentes formas de educação, da educação continuada de idosos, da relação entre saúde e educação, da relação entre educação e qualidade de vida e da perspectiva de se oferecer cursos para idosos na USS.

Como introdução foi apresentada aos idosos presentes a intenção da Universidade Severino Sombra de descobrir se entre eles, existia o interesse em participar de cursos e atividades que a USS venha a oferecer. A partir dessa primeira colocação, explanou-se sobre a relação entre Educação e Qualidade de Vida, sendo demonstrado que uma contribui para o desenvolvimento da outra. Discutiu-se sobre a inadequação da apresentação de “projetos prontos” de atividades para idosos, que não levam em conta a opinião e os desejos dos

próprios idosos. Daí o interesse em sondar tipos de atividades que os idosos da região realmente gostariam de desenvolver, para, então, se pensar em formalizar propostas de atividades para lhes oferecer.

Ao se perguntar se conheciam a UNATI (Universidade Aberta da Terceira Idade), vinculada à UERJ, muitos responderam que a conheciam de nome, mas apenas uma das senhoras presentes já havia visitado e frequentado atividades oferecidas por uma Universidade Aberta. Diante desse contexto, foi esclarecido aos idosos o que é, a que público se destina e quanto uma Universidade Aberta tem a oferecer àqueles que a procuram. Discutiu-se o dado divulgado pelo último censo do IBGE de que o Brasil está numa fase de transição, pois sua população jovem está, a passos largos, sendo substituída por uma população mais idosa, se fazendo necessária uma organização social e política para entender e atender às necessidades e anseios de um povo com uma “nova idade”. Explicou-se que uma Universidade Aberta funciona para atender a todos os idosos, sem que haja pré-requisitos para frequentá-la. Oferece inúmeras atividades, que vão desde a ginástica e a dança até os cursos superiores. Incontáveis as suas possibilidades.

De uma forma geral o grupo de idosos presentes demonstrou um interesse bastante significativo em enriquecer a sua rotina de vida com atividades voltadas para a educação. Os idosos foram bastante receptivos e participativos, interagindo com o grupo durante todo o evento, como demonstra a fala de uma das idosas, em relação à proposta de a USS oferecer cursos dentro de um sistema de Universidade Aberta: *“Em vista disso que vocês estão dizendo, vocês não acham que esse projeto está atrasado? Isso já devia ter sido ontem!”*

No que refere a esse tipo de proposta, tanto no âmbito social quanto político, foi discutida a questão de ser necessário que os próprios idosos reivindiquem por seus direitos perante a sociedade em que vivem, participando eles próprios, na elaboração de políticas públicas e privadas para o idoso, no sentido de buscar atendimento para suas reivindicações a respeito daquilo de que necessitam, mediante sua participação, por exemplo, nos Conselhos de Idosos, tanto no nível Municipal, quanto Estadual e Federal. O grupo de idosos discutiu acaloradamente o assunto, passando por inúmeras questões, como em relação ao desrespeito para com o idoso, que é constante em nosso meio social, ainda muito pouco educado para receber e oferecer espaço para os seus idosos.

A necessidade de a educação continuar presente nessa fase da vida foi um foco especial da discussão. Com referência ao assunto, o único homem presente disse: *“Não é apenas uma questão de vontade, é uma questão de direito!”*

Por existir, e a caminho de ser a maioria, a população da terceira idade precisa ter seu espaço social – e educacional – assegurado, poder contar com o atendimento aos seus direitos, ter suas necessidades atendidas e suas vontades respeitadas. Essa lógica precisa se fazer presente nas mais diversas instâncias da vida de uma pessoa, indo da saúde ao lazer e à educação. Nesse sentido, foi abordada a ideia de que envelhecer não é, necessariamente, adoecer, não é algo forçosamente da ordem da patologia. Senescência (no sentido de velhice) não é a mesma coisa que senilidade (decrepitude, debilidade física e mental associada à idade) e o idoso, quando vive num ambiente que lhe ofereça possibilidades, pode assegurar o contínuo desenvolvimento de todas as suas capacidades.

Após trabalhar a questão das diferentes formas de educação, enfocando especialmente, àquelas voltadas para a terceira idade, foi aberta a discussão sobre o conceito de qualidade de vida e como isto pode estar ligado à educação na velhice. A qualidade de vida não se refere apenas à ausência de problemas, à ausência de doenças, mas à maneira como um indivíduo percebe e lida com seu ambiente e os conflitos no dia a dia, ou seja, sua percepção sobre a qualidade de sua vida.

Conhecer seus impedimentos e arranjar meios para lhes pôr um fim ou modificar suas circunstâncias ou, pelo menos, aprender a conviver com suas limitações, de modo a poder continuar exercendo suas atividades e satisfazer seus desejos cotidianos é fundamental para a promoção e a manutenção da qualidade da vida – e isso pode ser conseguido pelas pessoas em qualquer idade. Esclareceu-se a importância de a pessoa se “preparar” para os possíveis obstáculos que, pouco a pouco, vão surgindo na velhice. Desde que a pessoa os conheça pode trabalhá-los para que não se tornem sinônimos de privações. De igual modo, levantou-se a necessidade de uma rotina agradável nessa fase da vida, em que o indivíduo tenha tempo e oportunidade de executar as tarefas que lhe dão prazer e motivação.

A qualidade de vida envolve inúmeros aspectos, que vão da alimentação adequada ao lazer. Dois fatores de importância fundamental para a conquista da qualidade de vida foram levantados: o primeiro, foi a questão da “manutenção de relacionamentos significativos”, ou seja, a convivência com outras pessoas que compartilham conosco interesses e disposições; e o segundo, a “busca por novos interesses e ocupações”.

Discutiu-se o quanto é importante para qualquer pessoa estar atenta às mudanças naturais da vida, principalmente na velhice (Figura 1). É essencial viver o tempo presente, manter acesa a possibilidade de novas descobertas, de se dedicar a descobrir novas atividades e delas tirar o melhor proveito possível. Nesse sentido, não é interessante que a pessoa idosa sempre se refira a ela própria como algo que pertence ao passado, como acontece com o



Figura 1. Reunião para formalização de propostas de atividades para idosos

uso de expressões como “No meu tempo...”, pois se estamos vivos, estamos vivendo no aqui e agora. O tempo, para todos, é o tempo de hoje e é a partir das circunstâncias atuais que devemos organizar nossa rotina de afazeres – rotina que atenda tanto aos nossos interesses e habilidades quanto respeite nossas dificuldades e limitações. Uma rotina que abrigue a mudança como uma qualidade/capacidade inerente a todo o ser humano.

Quanto à aposentadoria e à dificuldade de se organizar na realidade imposta pelo afastamento da rotina de trabalho, levanta-se a questão de o que fazer quando se está aposentado – como preencher o tempo livre? Estar aposentado não significa estar rendido ao ócio. É possível obter, mediante outras atividades, o mesmo prazer que antes nascia do trabalho. Dessa forma, a velhice e seus “privilégios” podem ser bem aproveitados e preenchidos com inúmeras atividades, inclusive no campo da educação, que não tem limites, no que tange às possibilidades que pode oferecer (Figura 2). Nesse âmbito, situa-se a ideia de uma Universidade Aberta da Terceira Idade na região, como algo que ofereça à população idosa um leque de possibilidades e oportunidades de ação.



Figura 2. Reunião para formalização de propostas de atividades para idosos

Como o objetivo da Ação de Extensão não era tão-somente apresentar as perspectivas da educação na terceira idade, mas de dialogar com a população idosa da região a respeito do que esta pensa e deseja, propôs-se ao grupo a sugestão de temas/áreas de educação que pudessem responder aos seus interesses presentes, tendo sido levantadas as seguintes sugestões sobre cursos que pudessem ser oferecidos pela Pró-Reitoria de Extensão da USS: Redação (leitura e escrita) – 15 idosos afirmaram ter vontade de participar de um grupo voltado para a leitura; Informática – 14 idosos gostariam de aprender informática, sendo que, desse número, 3 sugeriram que este curso fosse mais “avançado” do que apenas uma introdução, abrangendo o aprendizado de ferramentas mais sofisticadas de produção de texto e imagem; Canto (coral) – 5 idosos sugeriram música, especificamente a atividade de canto em coral; outras sugestões foram: fotografia; línguas; puericultura; desenho; decoração e história, sugeridos por um idoso para cada um desses títulos. Apenas uma mulher presente no evento disse não ter vontade de frequentar nenhum curso.

Enfim, o grupo de idosos presentes reivindicou a participação da USS na organização de atividades que possam atender à sua necessidade de continuar adquirindo conhecimento, demonstrando acentuado interesse em voltar à sala de aula, mesmo que de maneira informal, e em transformar as atividades educacionais em uma parte significativa de sua realidade.

Considerações Finais

No Brasil, o processo de envelhecimento da população vem ocorrendo rapidamente nas últimas décadas. Num contexto de desigualdades sociais, o idoso é afetado em sua autoestima, na aceitação de si e na sua segurança, que se refletem na autonomia, na liberdade, no convívio social e na frequência e qualidade dos relacionamentos interpessoais e dos vínculos afetivos. Neste cenário, as ações educativas proporcionam ao idoso a oportunidade de se confrontar com fatos, ideias e realidades novos, de incorporar novas atitudes diante do envelhecimento e da velhice. Assim, a educação permanente voltada para a população idosa pode lhes proporcionar melhor qualidade de vida.

Os resultados alcançados com a Ação de Extensão desenvolvida no Centro de Convivência do Idoso nos abrem uma perspectiva de transformação do idoso pelo acesso ao saber, tendo sido possível levantar a opinião e perceber o interesse daquele grupo de idosos em relação à educação na terceira idade e em relação ao papel que a USS pode desempenhar nesse contexto. Pôde-se observar a importância de se buscar, junto ao próprio idoso, as informações relativas ao tipo de atividade que os idosos realmente apreciam e de não se apresentar “projetos prontos” ou “soluções preconcebidas” para os idosos, que não considerem sua opinião e seus desejos. Assim, é imprescindível que os próprios idosos participem da elaboração de políticas públicas e privadas voltadas para essa faixa da população, reivindicando a satisfação de suas necessidades e o respeito aos seus direitos.

O diálogo com o grupo de idosos permitiu a discussão de temas que se mostraram do interesse dos próprios idosos, como a necessidade de a educação continuar presente ao longo da vida, a diferença entre senescência e senilidade, a relação entre qualidade de vida e educação na velhice, a importância de se aprender a conviver com as próprias limitações, a importância de se manter relações interpessoais satisfatórias, a busca por novos interesses e ocupações, a necessidade de atenção às mudanças naturais da vida e a aposentadoria.

O levantamento de sugestão de cursos a serem oferecidos pela Pró-Reitoria de Extensão da USS, para o atendimento da necessidade contínua de aquisição de conhecimento do idoso, demonstrou o interesse desse grupo em voltar à sala de aula e fazer da educação uma fonte de prazer e de qualidade de vida. No entanto, sendo a educação continuada de idosos e, principalmente, a Universidade Aberta da Terceira Idade realidades ainda desconhecidas da maioria da população regional, muito precisa ser feito em termos de divulgação e esclarecimento, principalmente junto aos idosos, sobre os seus propósitos, sobre o público para o qual suas atividades estão voltadas e o quanto pode oferecer aos idosos em termos de melhoria de sua qualidade de vida.

Referências

- Baltes, M.; Silvenberg, G. S. (1995) A dinâmica dependência-autonomia no curso da vida. In: NÉRI, A. L. (Org.) Psicologia do envelhecimento. Campinas: Papyrus, cap. 3.
- BANCO MUNDIAL/Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento. Departamento do Brasil. Envelhecendo em um Brasil mais velho. (2011) Brasília.
- Bobes, J.; Cervera, S.; Seva, A. (1995) Calidad de vida y trastornos depresivos. Sevilla: Congreso Nacional de Psiquiatria.
- Bosq, M. (2001) Calidad de vida. Dedicado al desarrollo de la calidad de vida y la productividad personal. Internet.
- Braga, P. M. V. (2004) Direitos do idoso. São Paulo: Quartier Latin.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. (2003) Estatuto do idoso. Lei n.º 10.741. Brasília.
- Côrte, B.; Mercadante, E.; Arcuri, I. (Orgs.) (2005) Velhice, envelhecimento, complex(idade). São Paulo: Vetor.
- Dantas, R. A. S.; Sawada, N. O.; Malerbo, M. B. (2003) Pesquisa sobre qualidade de vida: revisão da produção científica das universidades públicas de São Paulo. Revista Latino-americana de Enfermagem, 11(4):532-8, jul.-ago.
- Debert, G. G. (2004) A reinvenção da velhice. São Paulo: EDUSP.
- Dias, M. I. C. (2005) Envelhecimento e violência contra os idosos. Sociologia, Faculdade de Letras do Porto, n.º 15, p. 249-273.
- Diogo, M. J. D.; Néri, A. L.; Cachione, M. (Orgs.) (2004) Saúde e qualidade de vida na velhice. Campinas: Alínea. Coleção Velhice e Sociedade.
- IBGE. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica. Brasil: Tábua Completa de Mortalidade – 2010. (2011) Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tabuadevida/2010/notastecnicas>. Acesso em: 28. fev. 2012.
- Lima, M. P. (2001) Gerontologia educacional. São Paulo: LTr.
- Lucas, R. (1998) Versión española del WHOQOL: Calidad de Vida, Proyectos de Investigación, Cuestionarios. Ginebra: División de Salud Mental de la OMS.
- OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. (2001) The world health report. Genebra.
- Pereira, R. J. *et al.* (2006) Contribuição dos domínios físico, social, psicológico e ambiental para a qualidade de vida global de idosos. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, v. 28, n.º 1, p.27-38, abr.
- Qualidade de Vida. (2002) Disponível em: http://www.saude.sc.gov.br/sala_de_leitura. Acesso em: 14 set. 2011.
- Sousa, L.; Galante, H.; Figueiredo, D. (2003) Qualidade de vida e bem-estar dos idosos: um estudo exploratório na população portuguesa. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v.37, n.º 3.

Vázquez-Varqueiro, J. L. *et al.* (1998) *Psiquiatria en atención primaria*. In BACA, E. *Repercusiones de la enfermedad mental sobre la calidad de vida*. Madrid: Aula Médica.

Veras, R. P.; Caldas, C. P. (2004) *Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade*. *Ciência e saúde coletiva*, v. 9, n.º 2, p.423-432, Jun.

Whoqol – Instrumentos de avaliação de qualidade de vida. Versão em português: 1998. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/psiq/whoqol>>. Acesso em: 14 set. 2002.

Xavieira, F. M. F.; Feraz, M. P. T.; Marc, N. *et al.* (2003) *A definição dos idosos de qualidade de vida*. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v.25, n.º 1, p. 31-39, mar.